

SEQUÊNCIA 1

Aniversário

Em 45 versos, distribuídos por estrofes irregulares [...] e em verso livre, como é habitual em Campos, tomando como espécie de *leitmotiv* obsessivo o “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos”, que funciona como espécie de refrão, evoca-se, de maneira nostálgica, um passado de infância, em que “fazer anos era uma tradição de há séculos / E a alegria de todos, e a minha, estava certa como uma religião qualquer.”

Era o momento em que se era “*inteligente por entre a família*”, porque no Eu/menino havia “a grande saúde de não perceber coisa nenhuma” – ou seja, era o tempo em que o gozo era gozo sem necessidade de justificação, o tempo de se ter a *alegre inconsciência* da ceifeira de que falava Pessoa [...]. Porque assim era, esse tempo-inocente, era igualmente tempo de “*não ter esperanças*”, as esperanças que outros tinham em seu lugar.

Após essa primeira evocação do tempo da saúde, em que “*se era feliz e ninguém estava morto*”, um “refluxo” a marcar a disforia do tempo de depois e de hoje (3.ª estrofe), transmitido através de metáforas, comparações e imagens poderosas: “O que eu sou hoje é como a humidade no corredor do fim da casa, / Pondo gelado nas paredes... [...] / É terem vendido a casa, / É terem morrido todos, / É estar eu sobrevivente a mim mesmo como um fósforo frio”.

Nada sobrou desse tempo feliz – a não ser o “*desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez*”, mais adiante definido como fome devoradora: “Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!”

Na 5.ª estrofe, um regresso maravilhado – na imaginação, claro – a esse passado em que a mesa era posta com mais lugares, com loiças, copos diferentes e talheres mais bonitos, com “as tias velhas” (também evocadas na “Ode Marítima”), os primos – e o acentuar, entre o encantamento e a nostalgia: “*e tudo era por minha causa*” – é o tempo em que, todos, mais ou menos, somos a pessoa mais importante do mundo...

E, depois, a penúltima estrofe, como conclusão, a marcar a amargura – “Para, meu coração, / Não penses! Deixa o pensar na cabeça!” – no fundo é esse o drama, sentido por Campos como por Pessoa, e “ultrapassado” (?) pela nitidez do olhar de Caeiro e pela reflexão melancólica de Reis, que visa ser-lhe “indiferente” – o drama da dor de pensar, de ser consciente, lúcido, em vez de sentir, só. O coração não é para pensar, é para sentir – o pensar é para a cabeça – diz Campos.

O final da estrofe é magnífico (ninguém como Campos o tinha dito –, que eu saiba ninguém o disse melhor depois):

“Hoje, já não faço anos. / Duro. / Somam-se-me dias. / Serei velho quando for. / Mais nada.”

E a exclamação de raiva incontida e de impotência:

“Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!”